

## Morte em Pleno Verão

*La mort... nous affecte plus profondément  
sous le règne pompeux de l'été.*

BAUDELAIRE

*Les Paradis Artificiels*

A praia de A., próxima da extremidade sul da península de Izu, ainda está intacta. Lá pode-se tomar banho. É certo que o fundo do mar é desigual e cheio de calhaus e que as ondas são fortes, mas a água é limpa e a terra entra pelo mar num suave declive, tendo no conjunto excelentes condições para se nadar. Sobretudo por estar afastada, a praia de A. não sofre nem do barulho nem da sujidade das estâncias balneares mais próximas de Tóquio. Fica a duas horas de autocarro de Itō.

A Eirakusō é praticamente a única estalagem e também aluga vendas. Não existem mais que um ou dois desses lastimáveis bares que no Verão atravancam a maioria das praias. A areia é abundante e branca e a meio caminho para o mar um rochedo coberto por pinheiros domina tão bem a praia que parece ali posto por um paisagista. Na maré alta a água cobre-o até meio.

E tem uma bela vista. Quando o vento de oeste varre a bruma do mar avistam-se ao largo as ilhas, Ōshima muito perto e Toshima um pouco mais longe, e entre as duas uma pequena ilha triangular chamada Utoneshima. Na extremidade da quase ilha de Nanago fica o cabo de Sakai, que faz parte do mesmo maciço montanhoso e mergulha profundamente as suas raízes no mar: e mais para lá o cabo a que se chama o Palácio do Dragão de Yatsu, depois o cabo Tsumeki, onde todas as noites gira na sua extremidade sul a luz de um farol.

Tomoko Ikuta dormia a sesta no seu quarto da Eirakusō. Era mãe de três crianças, mas olhando a sua silhueta adormecida ninguém o diria. Viam-se-lhe os joelhos debaixo do vestido de linho cor de salmão. Os braços redondos, a cara lisa e os lábios um nada inchados tinham uma frescura infantil. Gotas de suor perlavam-lhe a testa e as pequenas depressões junto às narinas. As moscas zumbiam e o ar estava quente como um forno. O tecido de algodão salmão levantava-se e baixava tão ao de leve que parecia encarnar o abafado daquela pesada tarde.

A maioria dos outros hóspedes do hotel tinha ido para a praia. O quarto de Tomoko ficava no segundo andar. Debaixo da janela estava um baloiço branco para as crianças. Havia cadeiras dispersas pelo relvado de umas centenas de metros quadrados e também mesas e a estaca de um jogo da malha. As malhas estavam espalhadas pelo relvado. Não se via ninguém e de vez em quando o zumbido de uma abelha perdia-se no barulho das ondas, para além da sebe. Os pinheiros subiam até à sebe para logo a seguir se abandonarem à areia e às vagas. Um regato passava por baixo da estalagem. Fazia um lago antes de se lançar no oceano e uma quinzena de gansos salpicavam-se e grasnavam sem parar quando lá iam comer todas as tardes.

Tomoko tinha dois filhos, Kiyoo e Katsuo, de seis e três anos, e uma filha, Keiko, de cinco. Os três estavam na praia com Yasue, cunhada de Tomoko. Tomoko não tinha sentido qualquer escrúpulo em pedir a Yasue para tomar conta das crianças enquanto ela dormia a sesta.

Yasue era uma solteirona. Tomoko precisara da sua ajuda depois do nascimento de Kiyoo. Falou nisso ao marido e decidiram mandar vir Yasue da província. Não existira nenhuma razão para Yasue não se ter casado. Não era especialmente sedutora, mas também não era feia. Tinha recusado todas as ofertas, umas atrás das outras, e assim foi passando a idade de se casar. Encantada com a ideia de ir ter com o irmão a Tóquio, aceitou imediatamente o convite de Tomoko. A família queria casá-la com um notável da província.

Yasue não era muito viva, mas tinha bom carácter. Falava a Tomoko, mais jovem que ela, como a uma irmã mais velha e esforçava-se por lhe ser submissa. Já quase não falava com sotaque de Kanazawa. Embora ocupando-se da casa e das crianças, Yasue frequentava cursos de costura e fazia as suas próprias roupas, claro, e também as de Tomoko e dos filhos. Andava com um caderninho para copiar os modelos da última moda das montras dos bairros chiques e muitas vezes foi olhada de lado, chegando até a ouvir censuras das vendedoras.

Estava sentada na praia num fato de banho verde muito elegante. Era a única coisa que não tinha sido feita por ela e vinha de um grande armazém. Muito orgulhosa da sua pele clara do Norte, estava só ligeiramente bronzeadas. Assim que saía da água corria logo para o abrigo do guarda-sol. As crianças estavam à beira-mar, a fazer um castelo de areia, e Yasue divertia-se cobrindo com areia húmida uma das suas brancas pernas. A areia, que logo secava, fazia um relevo escuro, onde cintilavam restos de conchas. Yasue sacudiu-o com vivacidade como se de súbito receasse que aquilo não saísse. Um insecto minúsculo, meio transparente, saltou da areia e fugiu.

De pernas esticadas e apoiada nos cotovelos, Yasue olhava o mar. Massas enormes de nuvens fervilhavam gigantescas, imensas na sua tranquila majestade. Dir-se-ia que bebiam todos os barulhos cá de baixo, até o rumor do mar.

Estava-se no pino do Verão e havia fúria nos raios de Sol.

As crianças cansaram-se do castelo de areia. Desataram a correr para que a água jorrasse das poças à beira das ondas. Acordada do pequeno e tranquilo universo pessoal para o qual tinha resvalado, Yasue correu atrás delas.

Mas não estavam a fazer nada que fosse perigoso. Tinham medo do bramido das ondas. Havia um pequeno redemoinho para lá da rebentação. Kiyoo e Keiko de mão dada, com água até à cintura e os olhos brilhantes, faziam frente à água, sentindo a areia mexer debaixo dos pés nus.

— Parece que alguém nos está a puxar — disse Kiyoo à irmã.

Yasue aproximou-se deles e proibiu-os de irem mais longe. Mostrou-lhes Katsuo, não o deviam deixar sozinho, deviam ir brincar com ele. Mas não lhe prestaram atenção. Estavam de pé, de mãos dadas, felizes, e olhavam-se sorrindo. Tinham um segredo: a areia que sentiam mexer debaixo dos pés.

Yasue tinha medo do sol. Olhou para os ombros e para o peito e lembrou-se da neve em Kanazawa. Beliscou a garganta, sorrindo de a sentir quente. Estava com as unhas muito compridas e sujas de areia, precisava de as cortar quando voltasse para o quarto.

Já não via nem Kiyoo nem Keiko. Deviam ter voltado para a praia.

Mas Katsuo estava sozinho. Fazia uma careta estranha e apontava com o dedo na sua direcção.

O coração bateu-lhe violentamente. Olhou para a água aos seus pés. Ainda refluiu e a uns dois metros, na espuma, um corpinho castanho

rolava sem parar. Num breve instante reconheceu o fato de banho azul-marinho de Kiyoo.

O coração batia-lhe ainda com mais força. Avançou na direcção do corpo como se lutasse para sair de um perigo. Uma onda um pouco mais alta que o costume cresceu por cima dela e quebrou-se debaixo dos seus olhos. Bateu-lhe em cheio no peito. Desequilibrrou-se e caiu na água. Teve uma crise cardíaca.

Katsuo começou a chorar e um jovem que não estava longe veio em seu socorro. E outros mais vieram pelas poças e a água saltava à volta dos seus corpos escuros e nus.

Duas ou três pessoas tinham-na visto cair. Não deram importância. Tornaria a levantar-se. Mas nesses momentos dir-se-ia que há sempre qualquer premonição e enquanto corriam já lhes parecia que havia qualquer coisa de estranho naquela queda.

Trouxeram Yasue para a areia escaldante; tinha os olhos abertos e os dentes cerrados e parecia contemplar com horror qualquer coisa à sua frente. Um dos homens tomou-lhe o pulso. Não batia.

— Está na Eirakusō — disse alguém que a reconheceu.

Era necessário chamar o gerente do hotel. Um rapaz da aldeia, decidido a não deixar essa missão importante a mais ninguém, desatou a correr, com toda a velocidade, pela areia quente.

O gerente chegou. Tinha cerca de quarenta anos. Trazia uns calções e uma *T-shirt* deformada e entre ambos uma faixa de lã. Protestou: os primeiros cuidados deviam ser prestados no hotel. Alguém pôs objecções. Sem esperarem pelo resultado da discussão, dois jovens levantaram Yasue e levaram-na. Na areia molhada em que estivera deitada ficaram as marcas de um corpo humano.

Katsuo seguia-os chorando. Deram por ele e levaram-no ao colo.

Acordaram Tomoko da sesta. O gerente, que sabia do seu ofício, abanou-a suavemente. Levantou a cabeça e perguntou o que é que se passava.

— A senhora que se chama Yasue...

— Aconteceu alguma coisa a Yasue?

— Já lhe prestámos os primeiros socorros, e o médico está a chegar.

Tomoko saltou da cama e saiu com o gerente. Yasue estava estendida no relvado e um homem seminu estava sobre ela, fazendo-lhe respiração boca a boca. Ao pé havia um monte de palha e caixas de laranjas desmanteladas e dois homens que faziam todos os esforços para acender um fogo. As chamas desfaziam-se logo em fumo. Tinha

havido tempestade na noite anterior e a madeira ainda estava molhada. Um terceiro homem afastava o fumo da cara de Yasue.

Com a cabeça lançada para trás, Yasue parecia respirar perfeitamente. O sol filtrado pelas árvores fazia brilhar o suor nas costas escuras do homem que procurava reanimá-la. As pernas brancas de Yasue estavam estendidas na erva, redondas e lívidas. Pareciam abandonadas, desligadas do combate que se travava mais acima.

Tomoko ajoelhou-se na erva.

— Yasue! Yasue!

Seria possível salvar Yasue? O que teria acontecido? O que é que iria dizer ao marido? Balbuciante e em lágrimas, saltava de umas perguntas para as outras. Subitamente virou-se para os homens que a rodeavam. Onde é que estavam as crianças?

— Olha, ali está a tua mãe. — Um pescador de meia-idade trazia Katsuo ao colo, apavorado. Tomoko lançou uma olhadela à criança e fez um sinal de agradecimento ao pescador.

O médico chegou e continuou a respiração artificial. Com as faces escaldantes abrasadas pelo brilho do fogo, Tomoko sentia-se incapaz de pensar. Uma formiga corria sobre o rosto de Yasue. Tomoko esmagou-a e deitou-a fora. Uma outra formiga subiu do cabelo em direção à orelha. Tomoko esmagou-a também. Matar formigas tornou-se a sua tarefa.

A respiração artificial durou quatro horas. Por fim aperceberam-se dos sinais de rigidez cadavérica e o médico desistiu. O corpo foi coberto com um lençol e transportado para o segundo andar. O quarto estava escuro. O homem pousou o corpo e correu a acender a luz.

Esgotada, Tomoko sentia-se invadir por uma espécie de vazio que tinha a sua doçura. Não estava triste. Pensou nas crianças.

— As crianças?

— Estão na sala com Gengo.

— As três?

— Três? — Os homens entreolharam-se.

Tomoko empurrou-os e saiu a correr. O pescador, Gengo, de quimono de algodão, estava sentado num divã e mostrava um livro de gravuras a Katsuo, que trazia uma camisa de adulto sobre os calções de banho. Katsuo pensava noutra coisa. Não olhava para o livro.

Quando Tomoko entrou, os hóspedes do hotel que sabiam da tragédia deixaram de abanar os leques para a olhar.

Atirou-se praticamente sobre Katsuo.